

Jorge de Oliveira

O MENHIR DA MEADA

Castelo de Vide



Jorge de Oliveira, diz-se natural de Santo António das Areias, Marvão, embora tenha nascido em Portalegre, a 15 de agosto de 1956. Desde criança começou a perscrutar e por vezes a esburacar sítios arqueológicos nas imediações da sua aldeia. Perseguido sempre o seu sonho de infância é hoje Professor Catedrático de Arqueologia na Universidade de Évora. Autor de mais de 400 títulos científicos divididos por livros, artigos e comunicações em congressos, dedicou toda a sua vida ao ensino e ao estudo, sobretudo das comunidades neolíticas que se fixaram no seu Alentejo envolvente da Serra de S. Mamede. Por vicissitudes várias fez algumas incursões noutros períodos históricos tendo investigado em áreas como a Arqueologia Judaica, a Arqueologia Militar, a Etno-arqueologia, ou mesmo iniciado o estudo e salvamento da Cidade Romana de Ammaia, sendo um dos fundadores da Fundação Cidade de Ammaia, que suporta esse projeto. Criou e é diretor do Museu Municipal de Marvão e da Revista Cultural do Concelho de Marvão, Ibn Maruán.

O Menhir da Meada, no concelho de Castelo de Vide, é hoje considerado o maior da Península Ibérica (7,52m) e o mais antigo monumento megalítico do mundo. A amostra de carvão recolhida na base do seu alvéolo, submetida a datação por radiocarbono, forneceu a data, em anos calendário, de 5010 a 4810 cal BC.

A sua expressiva forma fálica e a denotada glande, delimitada pelo prepúcio marcado com um relevo que rodeia a extremidade superior deste monumento, conferem-lhe, claramente, atributos evocativos à fertilidade. Estes singulares monumentos parecem resultar de práticas rituais que se prendem com uma tentativa de repor nos solos agrícolas a fertilidade que foram perdendo com a sua exploração continuada por comunidades que ainda desconheciam a prática do posúio.

Faturado há milhares de anos encontrava-se, até 1993, seccionado em duas porções, mas sob as instruções do muito saber de experiência feito do Mestre Canteiro Manuel Graxinha, no dia 25 de setembro desse ano, depois de aturado estudo arqueológico foi possível devolver ao Menhir da Meada a imponência que tinha há 7000 anos.

Neste livro, trinta anos passados sobre a re-ereção do Menhir da Meada, tenta-se contextualizá-lo no universo megalítico em que se insere, face aos novos conhecimentos científicos e reporta-se em texto e sobretudo em imagens, para memória futura, a operação radical, nunca anteriormente experimentada, de colagem e colocação na vertical dum monólito de granito que ultrapassa as 15 toneladas.

A grandiosidade deste monumento surpreende-nos pelo esforço necessário para a sua extração, transporte, tratamento das superfícies e ereção por parte das comunidades que aqui viveram há mais de 7000 anos, acreditando, provavelmente, que com o seu esforço conseguiriam repor a fertilidade dos solos, dos quais já em muito dependiam.

Classificado como Monumento Nacional, o mais antigo monumento megalítico do mundo é hoje visitado por milhares de investigadores e turistas que querem conhecer o mais extraordinário monumento à virilidade.



Edições Colibri



Titulo: O Menhir da Meada – Castelo de Vide.

Autor: Jorge de Oliveira

Editor: Fernando Mão de Ferro

Capa e concepção gráfica: Veludo Azul Lda

Fotografias: Jorge de Oliveira com Raul Ladeira

ISBN 978-989-566-342-2

Depósito legal n.º 521 866/23

Projeto financiado por Fundos Nacionais através da Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do projeto Ref.a CHAIA/UE - UID/00112/2020/FCT.

Lisboa, 12 de outubro de 2023







O MENHIR DA MEADA

Castelo de Vide





Jorge de Oliveira

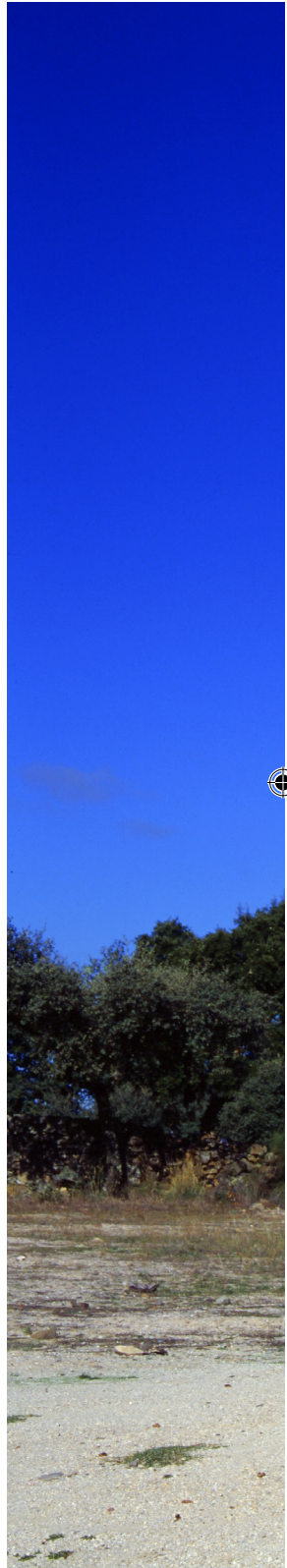
CHAIA / Univ. de Évora

O MENHIR DA MEADA

Castelo de Vide



Edições Colibri







Menhir da Meada. Foto Martins Barata



O contexto

Se para o megalitismo funerário da região norte do Alentejo possuímos avulzada informação e desde época bastante recuada, já no que à componente menhírica diz respeito apenas a partir de meados do século XX começamos a ter notícias destes enigmáticos monumentos.

As mais antigas notícias que conhecemos sobre monumentos funerários megalíticos no norte do Alentejo remontarão, ainda que com algumas incertezas, a meados do séc. XII, durante o reinado de D. Sancho I mas, pelo menos,



Menhir do Carvalhal, Anos 50. Foto de Francisco Gaspar.

estamos seguros que nos finais do séc. XVII já algumas antas foram referidas nesta região. Um manuscrito, hoje desaparecido, que compulsámos no antigo Arquivo da Misericórdia de Marvão, datado de 1693, registava a doação do Curral da Atalaia à Misericórdia desta vila. Na demarcação dos limites desta propriedade referia-se uma anta à qual se uniam duas paredes. (Oliveira, 1997). Do mesmo século, ou logo do seguinte, atendendo à caligrafia e tipo de papel, porque nem se encontra datado nem assinado,

será o documento (B.P.E. Cód. CIX/1-16, nº67) guardado na Biblioteca Pública de Évora, vulgarmente conhecido por *Antiguidades de Alter do Chão*, onde se refere uma anta na Coutada do Arneiro e outra no Reguengo, hoje incluídas na propriedade da Coudelaria de Alter (Oliveira, 2006). Ainda que a região de Portalegre tivesse sido objeto da atenção, desde os finais do séc. XIX, por diversos e ilustres arqueólogos que ao megalitismo se dedicaram, foi necessário chegar a 1950 para encontrarmos no Jornal *A Reconquista* uma breve notícia assinada pelo, então Coronel Martins Barata, a informar da descoberta, nas imediações da Póvoa e Meada, na propriedade do Carvalhal, dum “menhir ou altar”. Pelas fotografias então divulgadas confirma-se que se trata do menhir-estela, por nós sondado nos finais da década de oitenta. Só passados quinze anos, em 1965, é que, pela mesma pena, se noticia, na Revista *Ethnos*, a descoberta do menhir da Meada, não muito distante do primeiro, ambos situados no concelho de Castelo de Vide. Dois anos depois, Mário Saa refere-se, novamente, ao menhir do Carvalhal. Trata-se das primeiras referências a menhires nesta região da Península. Enquanto Martins Barata se limita a descrever os menhires do Carvalhal e da Meada, Mário Saa tenta compreendê-los como monumentos pré-históricos utilizados pelos Cavaleiros da Ordem do Templo como marcos de delimitação das suas terras. Mário de Saa, baseando-se no documento de

Doação da Azafa que o Rei D. Sancho I fez à Ordem do Templo, publicado por Fr. Bernardo da Costa na História da Ordem de Nosso Senhor Jesus Christo, em 1771, tenta delimitar as terras da Azafa chegando à conclusão de que a grande construção romana da Torre do Azinhal, hoje praticamente destruída, que se situa no atual concelho de Marvão, o menhir da Meada e o do Carvalho teriam servido de demarcação das terras doadas aos Templários.

No documento apresentado por Fr. Bernardo da Costa, que descreve o território da *Azafa*, lê-se ainda “Partitur nanque cum Agitania a Tago usque ad flumen de Ponsul, deinde ad capud Mercores. Quomodo vavid ad capud Cardosa. Partitur enim ultra Tagum per focem da Frieirosoo, quomodo intrat in Tagum, deinde ad rostrum de Mrliça, et vavit ad Maontaret” [...]. (Costa, 1777:226). Se considerarmos a interpretação que Mário Saa faz deste documento, poderemos, provavelmente, encontrar nele a mais antiga referência a uma sepultura megalítica nesta região. O atrás referido “rostrum de Mrliça” poderia ser a anta da Melriça situada no concelho de Castelo de Vide, monumento que por se destacar na paisagem poderia ser considerado como “rostrum”.

10

Menhir da Meada. Foto Martins Barata



É, assim, já nos finais da década de sessenta que se noticiam, pela primeira vez, menhires no Distrito de Portalegre. Embora nesta região as referências a menhires só ocorra desde 1950, em Portugal data de 1864 a primeira clara descrição deste tipo de monumentos. Deve-se a Simão Rodrigues Ferreira a identificação do Marco de Luzim, no concelho de Penafiel, o primeiro menhir a ser referenciado em Portugal. Pereira da Costa em 1868, regista um menhir no Monte da Pedreira no concelho de Fafe, descrevendo, igualmente outros no distrito de Castelo Branco. Sá Vilela, em 1876 informa da presença de vários menhires junto a Castelo de Paiva. Mas será sobretudo com Estácio da Veiga, em 1886, ao publicar as notáveis *Antiquidades Monumentais do Algarve* que a palavra menhir, ou menir mais se divulga. Contudo, um longo período de quase total esquecimento sobre este tipo de monumentos vai passar. Basta-nos recordar que só em 1970, pela pena do médico José Pires Gonçalves, se noticiam os menhires da região de Monsaraz, uma das zonas mais ricas em monumentos megalíticos de toda a Península Ibérica e onde se regista a maior concentração de menhires, isolados, ou em grupo. Contudo, comparativamente com o conhecimento das sepulturas megalíticas os menhires mantiveram-se e, de alguma forma ainda se conservam, pouco divulgados e estudados. Múltiplas razões poderão explicar a não referência e sobretudo o desinteresse por este tipo de monumento megalítico. De entre outras sobressaem as relacionadas com as práticas religiosas judaico-cristãs que proibem qualquer culto às pedras. Já no Antigo Testamento encontramos referências a estas prescrições e estão sobejamente documentados os atos de destruição de monumentos megalíticos, sobretudo menhires durante a Idade Média, no Norte de França, por ordem de bispos e clérigos. Por outro lado, as tradicionais descrições de descoberta de lendários tesouros em sepulturas megalíticas, não se aplicariam, naturalmente aos menhires, porque quem quer que o tentasse nada encontraria, ao contrário do que acontece com os dólmenes, onde sempre uma ponta de seta, ou um machado, por norma, qualquer caça tesouros encontra, levando ao desinteresse popular por aquele tipo de monumentos. Acresce a estas razões a pouca estabilidade e resistência que estes monólitos oferecem aos elementos naturais e sobretudo a abalos sísmicos, contribuindo para que, especialmente os de maiores dimensões e por isso os que mais facilmente poderiam despertar maior interesse se encontrem, por norma, tombados ou partidos e nalguns casos parcialmente soterrados. Mas a fratura ou a simples deposição da maior parte dos menhires, sobretudo os de maiores dimensões, parece ter ocorrido ainda nos finais da Idade da Pedra, ou inícios da Idade dos Metais. A presença das enigmáticas covinhas na maior parte dos menhires tombados, exclusivamente na face exposta, parece deixar entender que a sua grava-

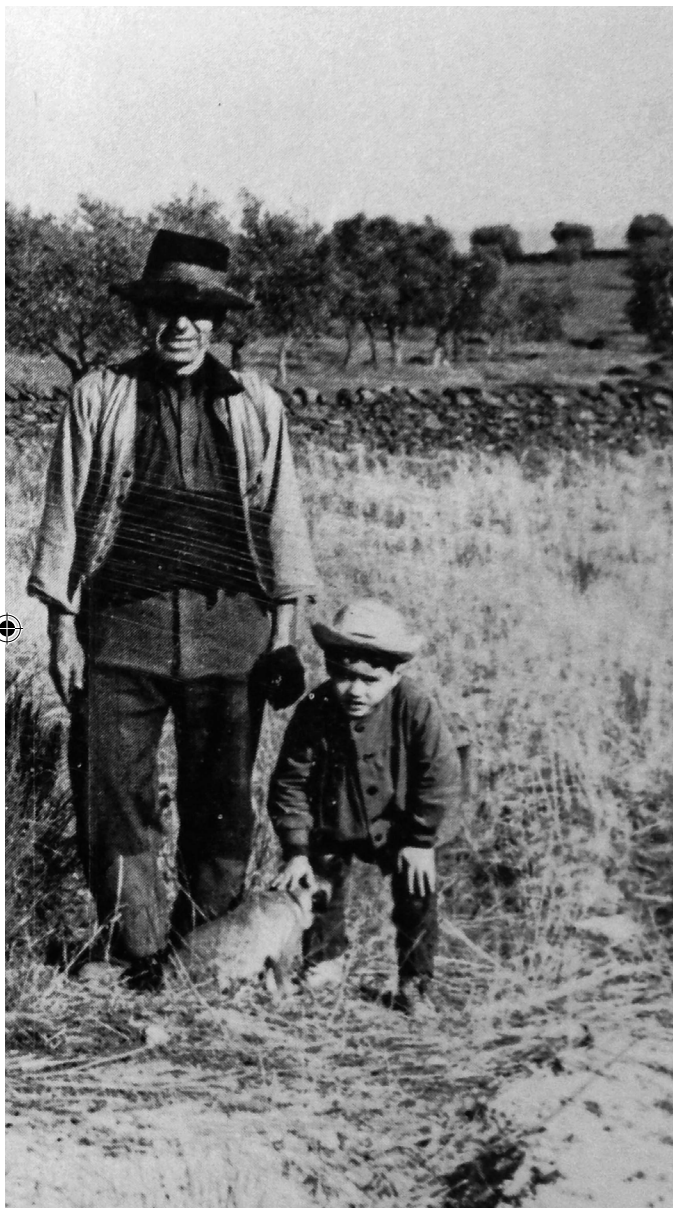
ção, terá ocorrido ainda na Pré-História. Assim sendo, poderemos considerar como provável que a perda de identidade e significado cultural dos menhires tenha ocorrido intencionalmente entre os finais do Neolítico e a Idade do Bronze, com especial relevância durante o Calcolítico.



Menhir da Meada. Foto Martins Barata

Desde a nossa síntese sobre os *Menhires do Distrito de Portalegre*, publicado em artigo na revista *Ibn Maruán* nº 9/10 (Oliveira & Oliveira, 1999/2000), foram identificados no concelho de Nisa, no âmbito de estudo de impacte, por Mário Monteiro, Francisco Henriques e Mário Chambino, o Menhir da Fonte

do Cão, monólito granítico, isolado e tombado, com 2,40 m de comprimento e 0,70m de diâmetro máximo e o grupo de menhires da Laje da Prata. O conjunto de menhires da Laje da Prata, obtidos em granito é formado por três monólitos, um dos quais ainda em posição vertical. Dois foram removidos



da sua posição original, sendo que um se encontra incorporado numa parede e o outro tombado a curta distância dos anteriores. Com dimensões que variam entre os 2,30m e os 1,10m poderão ter pertencido a um pequeno recinto hoje totalmente destruído. Em 2000, Joaquim Carvalho noticia o menhir do Castelo Velho (Carvalho, 2000) no concelho de Castelo de Vide, tombado próximo do povoado calcolítico com o mesmo nome, dado a conhecer por Conceição Rodrigues em 1975. Trata-se dum bloco de grauvaque com 1,60m de comprimento, por 0,59m de largura e 0,32m de espessura. Segundo o seu descobridor, este menhir apresenta na face mais regularizada 9 covinhas. Esta peça, que nos parece remeter mais para o universo das estelas, encontrava-se tombado a servir de apoio a uma aramada, limitadora do caminho que conduz ao Rio Sever. Quando procedíamos a trabalhos de prospeção nas imediações de Póvoa e Meadas, no concelho de Castelo de Vide para realocização da antiga forca daquela povoação, identificámos na berma do velho caminho que conduzia ao local das execuções, junto à fonte de baixo, um monólito menhiriforme, de granito, com cerca de 1 metro acima do solo. Encontra-se colocado verticalmente

13

para, estranhamente, estrangular a passagem a carros de maior envergadura que por aquele caminho intentem passar. Este monólito articula-se com outro, situado do lado oposto do caminho, sendo que este não apresenta qualquer forma que o possamos relacionar com um menhir. (Oliveira & Tomás, 2007, 139)



Menhir da Meada

No decurso do projeto de estudo da arte rupestre do concelho de Arronches, Projeto ARA, identificámos em 2012 o Menhir de Santo Ildefonso, junto à estrada que liga a sede do concelho à povoação da Esperança. A escassos 2km de Arronches, a menos de 10 metros à esquerda da estrada, numa linha de cumeada, incorporado numa muito antiga linha de divisão de propriedade, hoje aramada, destaca-se um monólito de secção cilíndrica, com cerca de 60cm de diâmetro máximo, implantado verticalmente no solo do qual aflora pouco mais do que 90cm. Apresenta toda a superfície cuidadosamente regularizada e evidenciando especial acabamento a extremidade superior tendencialmente cónica. No prolongamento da linha de divisão de propriedade onde se integra este menhir, ou a porção superior dele, observam-se outros





blocos de granito de diferentes dimensões que poderão ter pertencido à parte inferior deste menhir ou a outros que eventualmente aqui tivessem coexistido. Do outro lado da estrada, foi identificada a Estela Megalítica do Rebolo, não muito distante dos vários dólmenes da Nave Fria e dos abrigos com pinturas da Esperança.

Recentemente, fomos informados pelo nosso Amigo, Dr. João Ramalho Ribeiro, para a existência dum bloco de granito com cerca de 1,84 m de altura acima do solo, implantado verticalmente, de secção arredondada com cerca de 0,55 m de diâmetro máximo, situado no Milhar da Santa, no concelho de Portalegre. Pela sua forma e implantação ficam-nos dúvidas se se tratará dum menhir, ou de uma estela. Haveremos de sondar o local para melhor interpretarmos este interessantíssimo monumento ainda *in situ*.

Naturalmente à medida que novos trabalhos de prospeção ocorrem, ou por descobertas fortuitas o inventário dos menhires do norte do Alentejo vai aumentando. Contudo, para além destes monumentos, maioritariamente, *in situ* ou *in loco*, convém aqui lembrar os que ocorrem em situação de reutilização em monumentos funerários megalíticos e que nos ajudam a compreender a perda da sua funcionalidade cultural e simbólica e a validar as datas absolutas dos menhires de que já dispomos.

15

Entre 1999 e 2004 desenvolvemos vários estudos arqueológicos na Coudearia de Alter cujos resultados foram objeto de variadíssimas publicações sectoriais e duma síntese (Oliveira, 2006). No decurso desses trabalhos procedemos à escavação e valorização da Anta da Soalheira. Trata-se dum monumento muito destruído e com evidentes sinais de reutilização durante o domínio romana. Embora o corredor se mantivesse minimamente conservado já a câmara estava profundamente destruída com esteios partidos e arrancados. Para além da destruição em que se encontrava o monumento desde há muitos anos, mais recentemente, durante os trabalhos de abertura duma nova pista de cavalos, todos os grandes blocos de granito que foi necessário remover para a regularização da pista foram colocados sobre a já muito destruída câmara funerária. Durante os nossos trabalhos de reabilitação da anta deparámo-nos com dois blocos de granito, que davam colagem, de secção circular, e que unidos deixavam antever o que poderia ser um menhir. Assim, estávamos em presença da parte central e da extremidade distal do que teria sido um grande menhir a que faltava a parte inferior. Depois de coladas as duas porções o seu comprimento ultrapassa os dois metros e possui um



diâmetro máximo de 90 centímetros. Este monólito, apresenta uma forma explicitamente fálica denotando-se claramente a glande pénica. Desconhecemos o local onde estaria erguido, porque se encontrava fraturado e tombado por entre a amálgama de blocos graníticos na zona da câmara. Com grande



Menhir/esteio, Anta 1 dos Saragonheiros

probabilidade deve ter feito parte da estrutura funerária, provavelmente reutilizado como algum esteio da câmara. Desconhecendo-se o local da sua última função optámos por proceder à união dos dois fragmentos e reerguê-lo, aproveitando um suave abatimento que se notava na área da mamoa, a três metros para norte do corredor do monumento. Ainda no interior desta anta, na zona de transição entre a câmara e o corredor registámos na face sul, um monó-



lito de secção circular com cerca de 1 metro de altura e 40 cm de diâmetro, implantado verticalmente, que apresentava a extremidade superior algo fraturada. Afrontava este pequeno menhir, do outro lado do corredor, uma laje de xisto com um comprimento a rondar os 90 cm de comprimento, que será uma provável estela. Assim, parece que na construção da anta da Soalheira foram utilizados, pelo menos, dois menhires, um de grandes dimensões e outro substancialmente mais pequeno. Mas na área agrícola da Coudelaria de Alter registámos mais duas antas que incorporam, cada uma delas, um menhir, claramente reutilizados como esteios da câmara funerária. Na anta da Várzea Grande, nesta coudelaria, por nós escavada, registamos a presença dum menhir, em granito, com 2,35 metros de altura e um diâmetro máximo de 70 centímetros. Localiza-se em posição destacada diretamente a norte do esteio de cabeceira. Grosseiramente talhado não apresenta qualquer gravação. Na Necrópole Megalítica de Vale de Carreiras, no interior da mesma propriedade da Coudelaria de Alter, temos que, igualmente, registar outra anta, a de Vale de Carreiras II, que também possui um menhir reutilizado como esteio da câmara funerária. Neste monumento não procedemos a qualquer intervenção para além da limpeza da vegetação que a envolvia.

17

Os recentes trabalhos que desenvolvemos em 2016, na Anta 1 dos Saragoneiros, em Nisa, que se dirigiram, especialmente, para avaliar se o grande bloco de granito que se conserva na área do corredor é, ou não, um menhir reutilizado, vieram confirmar o que há muito já se suspeitava. Reconheceu-se que os construtores desde grande monumento funerário megalítico talharam longitudinalmente e nas extremidades um grande menhir granítico para o utilizarem como esteio de corredor. A outra parte, teria sido implantada, também tombada, do lado oposto do corredor, atendendo às dimensões do alvéolo aí identificado, mas que já não chegou aos nossos dias. Com mais este caso reforça-se a anterioridade dos menhires em relação aos grandes dólmenes e a sua desfuncionalização simbólica utilizando-se os menhires, nesta altura, entre o terceiro e o quarto milénios, como meros blocos de pedra na construção de sepulcros. Replica-se esta situação, em múltiplos outros monumentos, dos quais destacamos pelas suas singulares dimensões o maior dólmen de Portugal, a Anta Grande do Zambujeiro, situada nos arredores de Évora, na qual se observa um enorme menhir fálico utilizado como esteio, diretamente encostado ao de cabeceira. Os outros pequenos monólitos implantados no espaço do corredor, junto à câmara, devem ser interpretados como estelas impostas simbolicamente neste imponente monumento do centro alentejano.



A confirmada e recorrente presença de menhires reutilizados, meramente como material de construção e despidos de qualquer carga simbólica em monumentos megalíticos funerários ajuda-nos a compreender o seu posicionamento cronológico, como à frente veremos, assim como o curto espaço temporal que durou a “moda” de erguer menhires.

No atual estado do conhecimento sobre os menhires do distrito de Portalegre poderemos acrescentar ao inventário que anteriormente publicámos em 2000, mais um provável recinto, o da Laje da Prata (Nisa), cinco menhires isolados, o da Fonte do Cão (Nisa), o do Caminho da Forca (Castelo de Vide), o do Castelo Velho (Castelo de Vide), o do Milhar da Santa (Portalegre) e o de Santo Ildefonso (Arronches) e os menhires incorporados em antas situados no interior da Coudelaria de Alter, a saber, dois na Anta da Soalheira, um na Anta de Vale de Carreiras 2 e outro na Anta Várzea Grande e a confirmação do menhir da Anta 1 dos Saragonheiros, em Nisa. Atualmente, conhecem-se no distrito de Portalegre quinze menhires isolados, cinco incluídos em antas, quatro grupos de menhires e dois afloramentos menhíricos.

18

Nº	MENHIR	TIPO	CONCELHO	ESTADO
1	Pombais	afloramento	Marvão	<i>in situ</i>
2	Água da Cuba	isolado	Marvão	<i>in situ</i>
3	Corregedor	isolado	Marvão	deslocado
4	Carvalho	isolado	Castelo de Vide	<i>in situ</i>
5	Meada	isolado	Castelo de Vide	<i>in situ</i>
6	Patalou	isolado	Nisa	<i>in situ</i>
7	Saragonheiros	incluído em anta	Nisa	deslocado (?)
8	Maria Dias	isolado	Nisa	<i>in situ</i> , fracturado
9	Fonte do Cão	isolado	Nisa	<i>in situ</i> (?)
10	Vale do Sobral	grupo	Nisa	<i>in situ</i> (?)
11	Laje da Prata	grupo	Nisa	<i>in situ</i> (?)
12	Castelo Velho	isolado (?)	Castelo de Vide	deslocado (?)
13	Caminho da Forca	isolado	Castelo de Vide	deslocado
14	Casa Nova	isolado	Crato	<i>in situ</i> (?)
15	Milhar da Santa	isolado	Portalegre	<i>in situ</i>
16	1 da Soalheira	incluído em anta	Alter do Chão	deslocado
17	2 da Soalheira	incluído em anta	Alter do Chão	deslocado
18	Vale de Carreira II	incluído em anta	Alter do Chão	deslocado
19	Várzea Grande	incluído em anta	Alter do Chão	deslocado
20	Sete	afloramento	Monforte	<i>in situ</i>
21	Carrilha	isolado	Monforte	deslocado (?)
22	Monte do Reguengo	isolado	Arronches	deslocado
23	Santo Ildefonso	isolado	Arronches	<i>in situ</i> (?)
24	Bocada da Praça	isolado	Campo Maior	deslocado
25	Torrão	grupo	Elvas	<i>in situ</i> (?)
26	Alminho	grupo	Ponte de Sor	<i>in situ</i> (?)



Cromeleque do Alminho



Menhir da Carrilha



Menir da Casa Nova



Menhir do Caminha da Forca . Foto João Magusto



Menhir dos Pombais



Menhir do Castelo Velho. Foto João Magusto



Menhir do Patalou



isto Menhir do Sete



Anta e menhir da Soalheira (Coudelaria de Alter)



Escavação e recuperação do menhir da Meada

Nota prévia

Os trabalhos de campo que conduziram à recuperação do Menhir da Meada decorreram ao longo de várias campanhas entre a primavera e o outono de 1993. Estes trabalhos inseriam-se no Projeto de Investigação Megalitismo da Bacia do Rio Sever, coordenado pelo signatário e autorizado pelo IPPAR. Os apoios para o desenvolvimento deste projeto foram obtidos, parcialmente, junto das autarquias portuguesas e espanholas cujos territórios são atravessados pelo Rio Sever (Marvão, Castelo de Vide, Nisa, Cedillo e Valência de Alcântara) que nos forneceram pessoal, alimentação, estadia, combustível e pequenas verbas para despesas correntes. O IPPAR também nos atribuiu pequenos subsídios, tal como o Governo Civil de Portalegre, que a todos agradecemos.

- 22 Especificamente para o estudo e recuperação do menhir da Meada contámos com o apoio da autarquia de Castelo de Vide, à data presidida por Fernando Soares e pelos elementos da Secção de Arqueologia do município, constituída por: António Pita, Carlos Grande, Hernani Sarnadas, João Magusto, José Bica Penhasco, Nuno Felix e Paulo Morais. Durante a fase de recuperação do monumento contámos com a preciosa colaboração do Mestre Canteiro do Município de Évora, Manuel Graxinha, que gizou todo o processo e do encarregado do seu serviço, Mestre Vieira. Na fase de remontagem foi preciosa e fundamental a colaboração, gratuita, da poderosa máquina da Empresa Granitos Maceira, de Alpalhão, propriedade do Comendador Francisco Ramos e dos seus operadores António Pedroso, Lucas Cavalheiro e João de Jesus. Contámos ainda com a colaboração de mais uma máquina gentilmente cedida, igualmente graciosamente, pela Empresa de Manuel Rodrigues, de Castelo de Vide e pelos mestres pedreiros do município que se encarregaram de construir a sapata de cimento que sustenta o menhir, liderados pelo encarregado de obras da autarquia de Castelo de Vide, Mestre Fernando Vinagre. A todos os nossos agradecimentos.





Localização

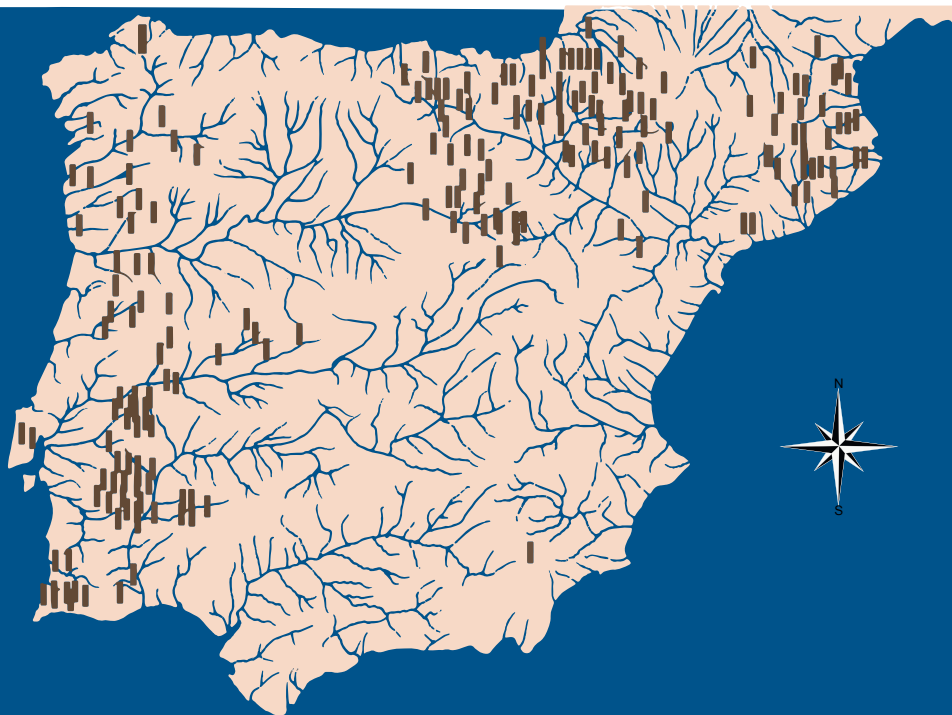
O Menhir da Meada localiza-se na Tapada do Cilindro, freguesia de Santa Maria da Devesa, concelho de Castelo de Vide, distrito de Portalegre. Possui as seguintes coordenadas $89^{\circ}29'45''N$; $7^{\circ}26'44''W$ e eleva-se a uma cota de 372m.



Localização do Menhir da Meada no Google Earth

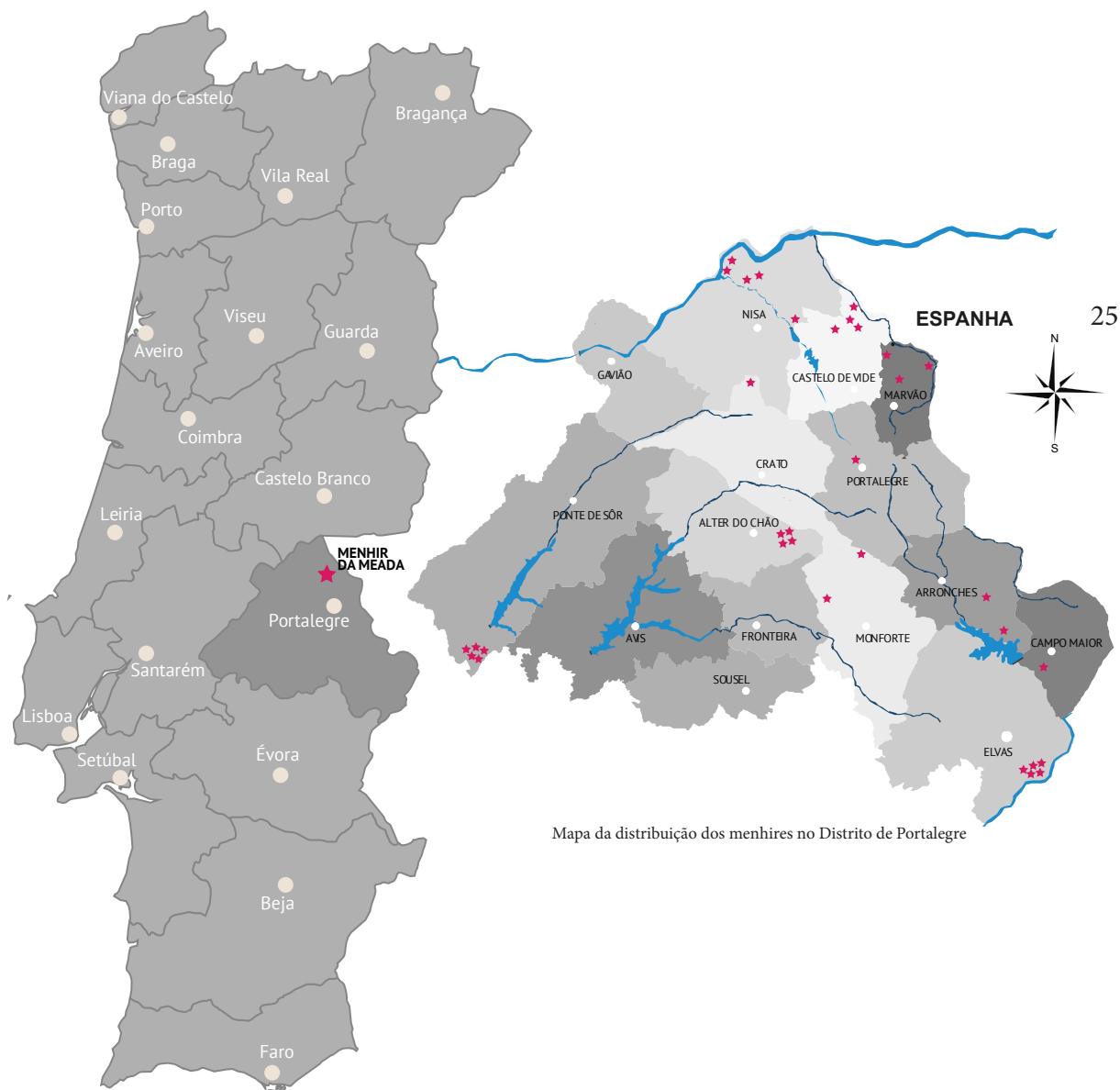
Como todos os menhires implanta-se em suave encosta virada a nascente, sobre a linha de contacto do xisto com as rochas granitoides. Foi talhado em granito porfiroide de grão grosseiro, extraído dos afloramentos semelhantes que ocorrem a sul da zona onde se localiza. Situa-se na denominada Tapada do Cilindro, topónimo que lhe advém, seguramente, da forma desta im-

pressionante peça pré-histórica. A cerca de 50 metros para poente situa-se a linha de cumeeada sobre a qual corre o muro de divisão de propriedade. Na



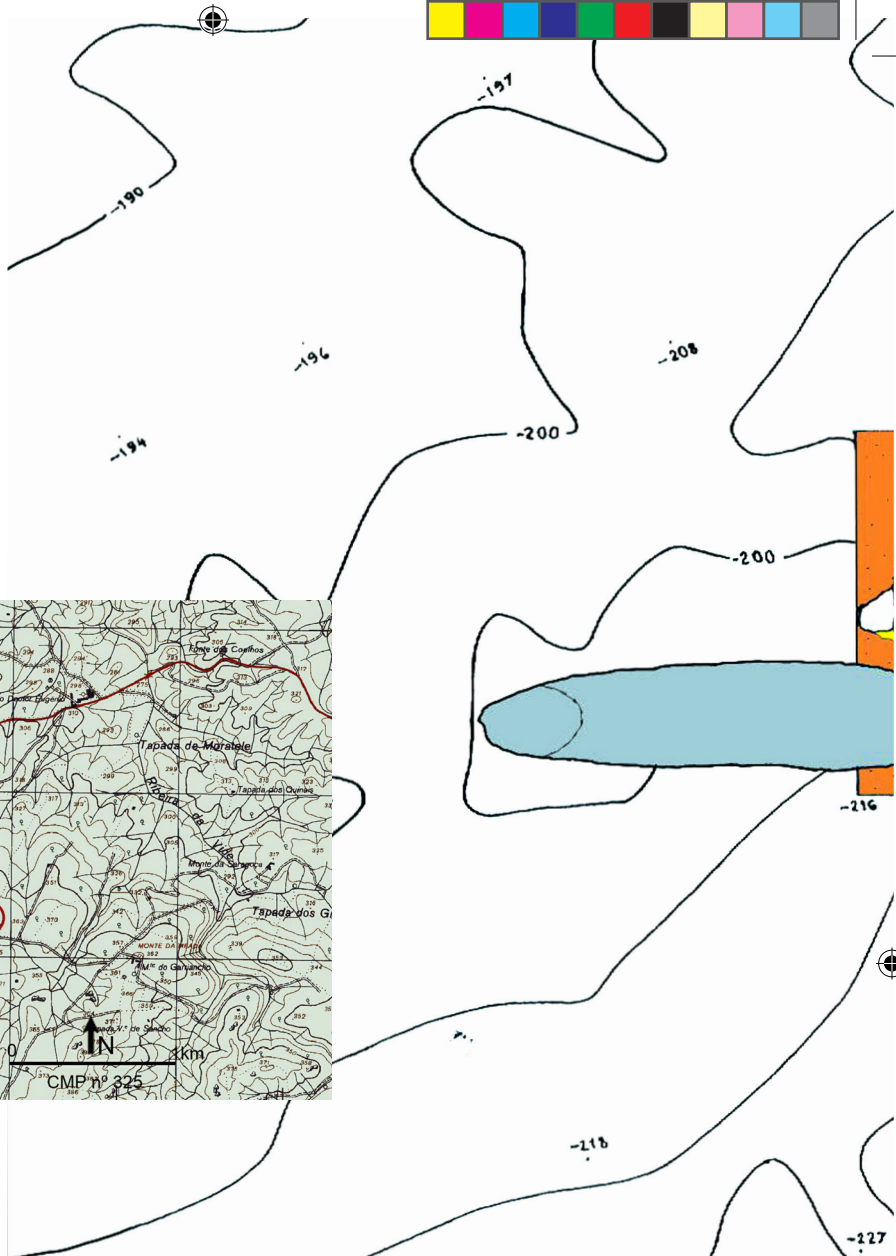
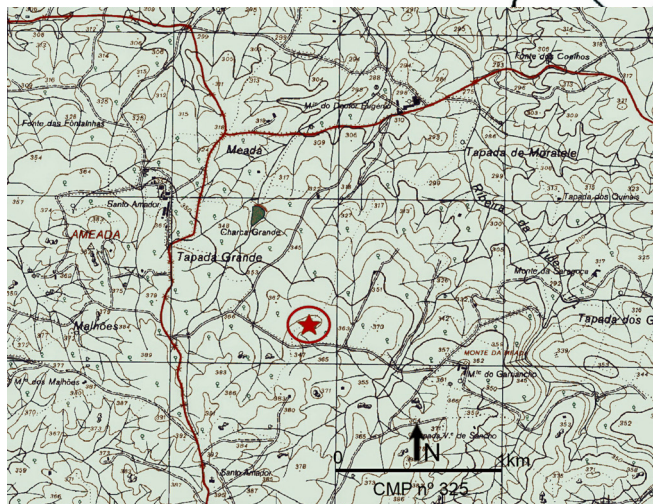
Mapa da distribuição dos menhires na Península Ibérica

área confinante, a poente, ainda é bem visível, a cerca de 400 metros, o coroamento duma pequena barragem romana, totalmente assoreada. Atualmente rodeado de sobreiras este menhir implanta-se em terrenos que até à sua aquisição pelo Parque Natural da Serra de S. Mamede e colocado à disposição do Município de Castelo de Vide era normalmente semeado de trigo ou centeio, ou para pasto de animais.



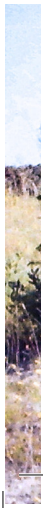


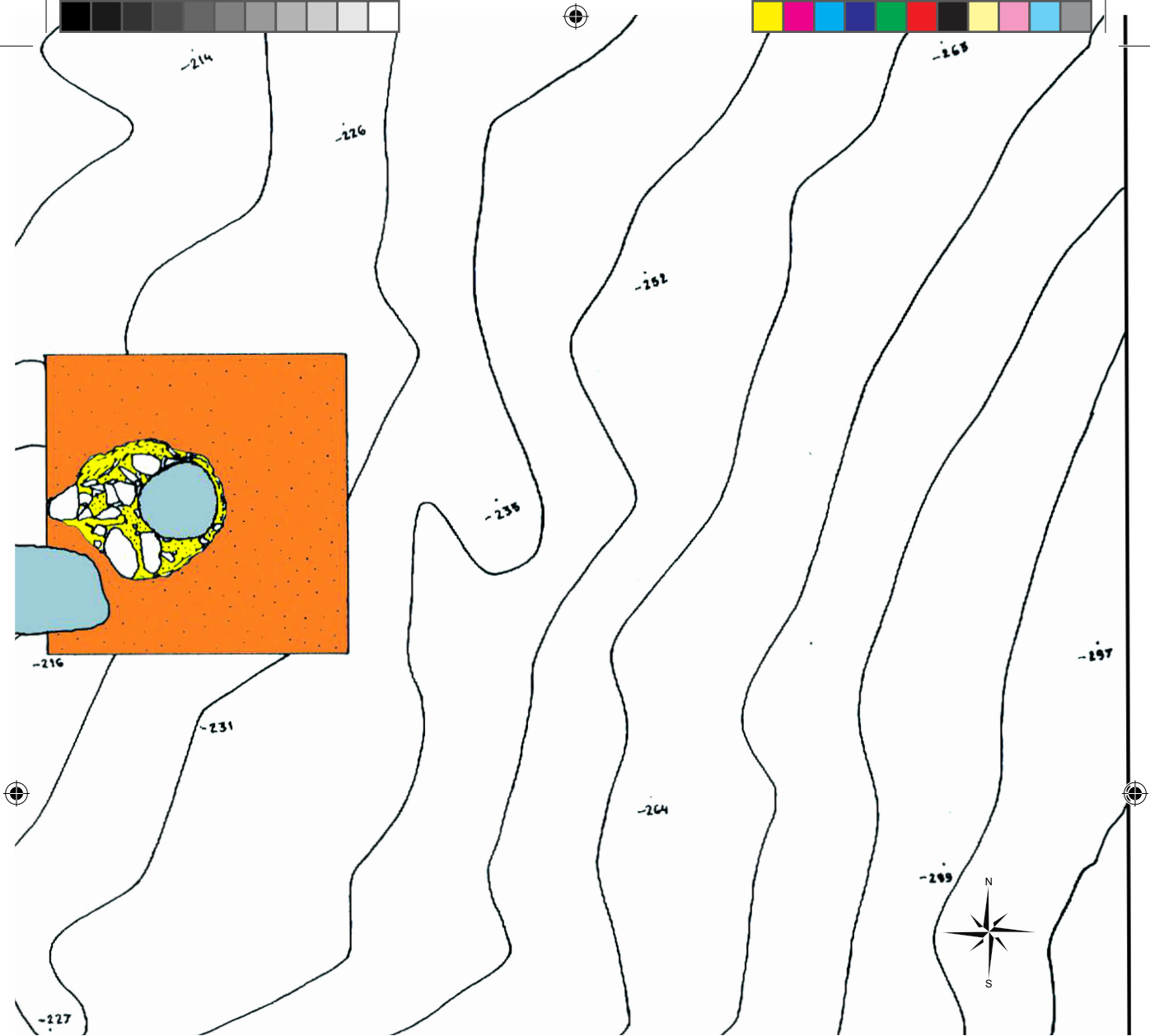
26



O menhir da Meada antes da escavação

Noticiado pela primeira vez por José P. Martins Barata em 1965 (Barata, 1965), este volumoso monumento encontrava-se fracturado em duas partes. Um fragmento estava ainda *in situ* embora algo inclinado para poente. A outra porção, a de maiores dimensões, encontrava-se tombada também na direção do poente (260°), embora e provavelmente, na altura da fractura e queda, tivesse rolado, afastando-se do local da queda cerca de noventa centímetros para sul.








MENHIR DA MEADA
planta geral

Desenho Original de J. Magusto

0 4 m

Localização do Menhir da Meada na CMP: 1/25000

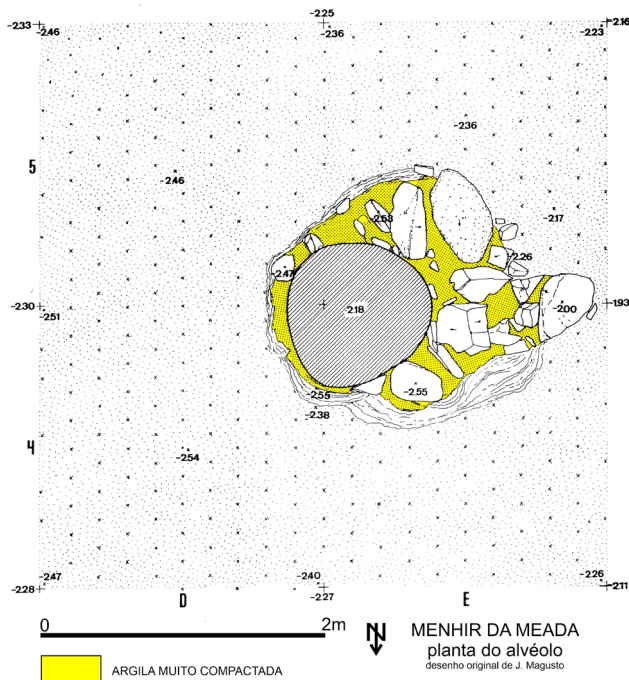
-  Menhir
-  Área escavada
-  Alvéolo



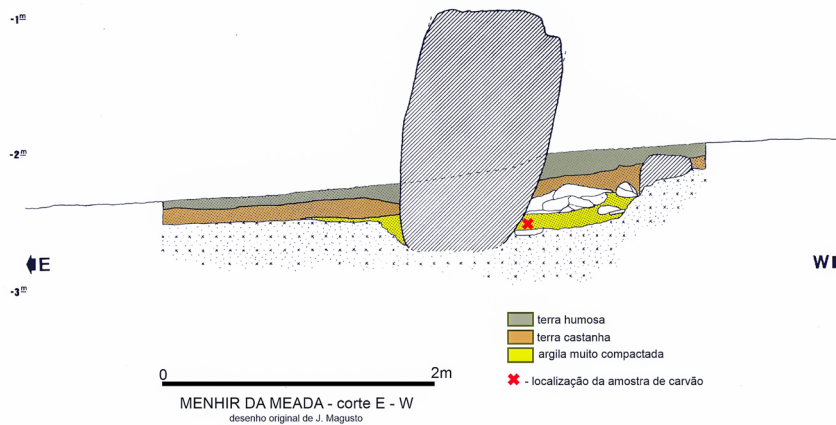
O fragmento que se encontra tombado possuía um comprimento de 5,20 metros e um diâmetro máximo de 115 centímetros. A sua forma cilíndrica, que teria dado o nome à propriedade onde se encontra, apresenta-se suavemente afilada na extremidade. Próximo da ponta um leve ressalto envolve diagonalmente todo o monólito, parecendo evidenciar uma glande. Na extremidade oposta do fragmento tombado, os efeitos da erosão e das fogueiras que frequentemente aqui eram acesas por pastores e caçadores provocaram a separação de pequenos pedaços de rocha, alterando significativamente as superfícies de contacto entre os dois fragmentos do menhir. Facilmente se observava que a parte do perímetro que se manteve em contacto com o solo se encontra bastante regularizada, provavelmente polida à data da sua ereção inicial, contrastando com o elevado grau de erosão que se observa na superfície exposta aos elementos. Adivinhava-se, desde logo, que a fratura do monólito teria ocorrido há alguns milhares de anos. O fragmento que se encontrava ainda *in situ*, emergia do solo cerca de 120 centímetros. Esta porção do menhir apresentava sinais ainda mais evidentes do efeito dos elementos naturais. A superfície de fractura encontrava-se totalmente alterada, e ocada. Uma linha de fractura cortava diagonalmente quase toda a parte externa deste fragmento. O desvio para poente, em relação à vertical era de cerca de quinze graus.



Menhir da Meada antes da sua re-ereção

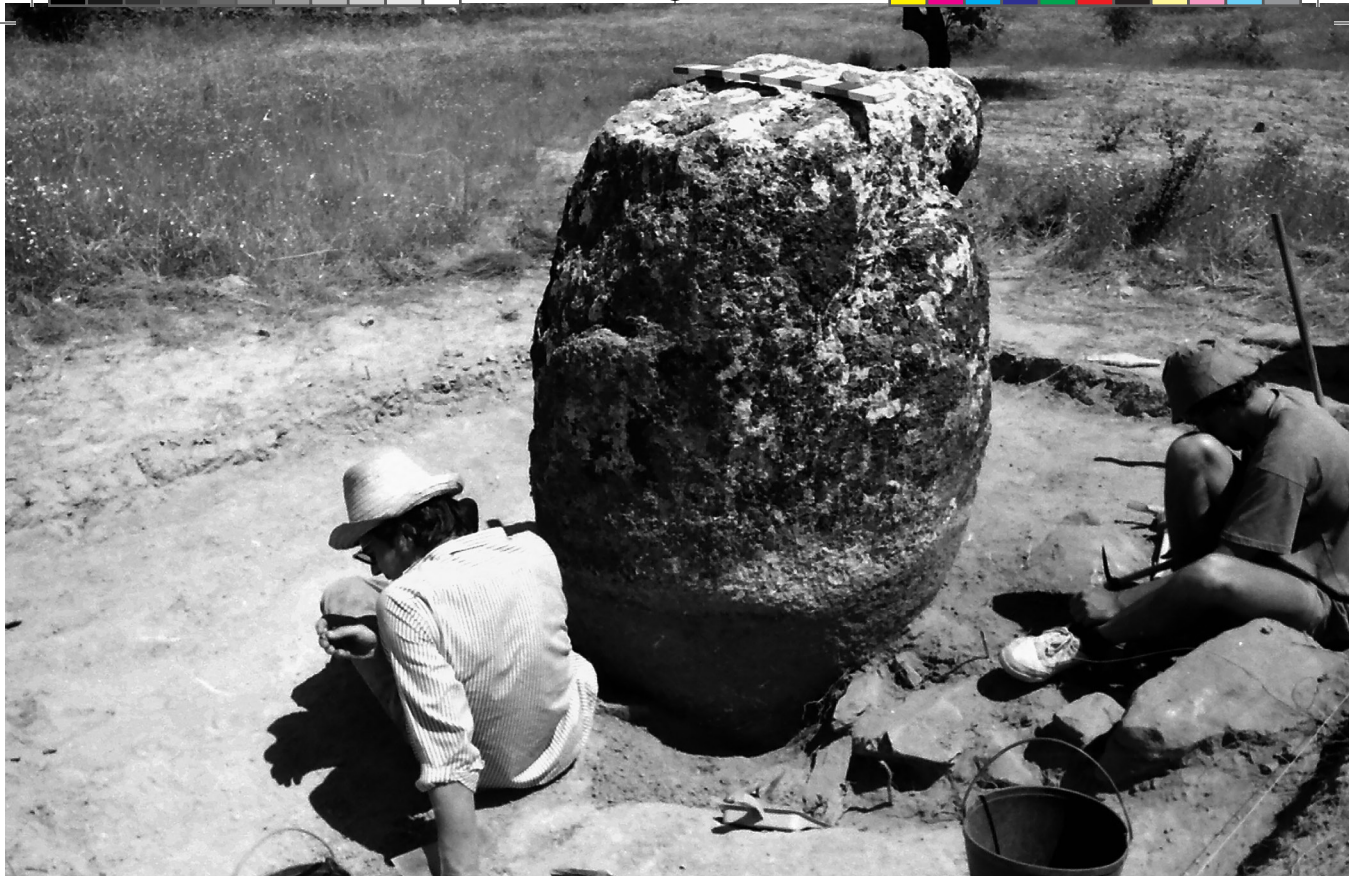


0m ± D5 ± E5 ±



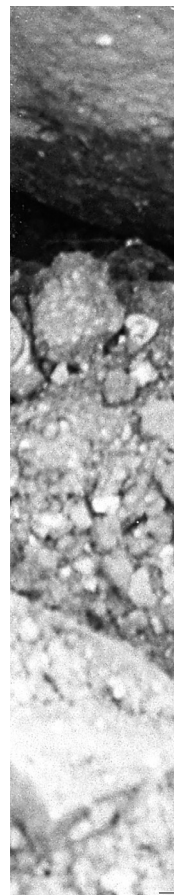
Escavação do menhir da Meada

Incluídos num nosso projeto de investigação *SEVER*, aprovado pelo IPAR, em 1985, os trabalhos desenvolvidos neste menhir visavam compreender a sua forma de implantação, recolher eventuais materiais datáveis, repor na vertical o fragmento que ainda se conservava no alvéolo e unir a este a parte fraturada. Os trabalhos de escavação contaram com o apoio da Câmara Municipal de Castelo de Vide, através da sua Secção de Arqueologia. Após a marcação de uma rede de quadrículas de 2X2 metros, organizada a partir de dois eixos ortogonais orientados, respetivamente, Norte-Sul e Este-Oes-



te magnéticos, tendo como centro o fragmento *in situ*, cotaram-se todos os vértices das quadrículas. Um quadrado de quatro por quatro metros tendo como centro o monólito foi seleccionado para ser submetido a decapagens sucessivas. Antes do início da escavação e com o auxílio de uma máquina, procedemos à rolagem do fragmento tombado aproximadamente cento e cinquenta centímetros para sul. Esta rolagem justificou-se para, por um lado, facilitar os trabalhos de escavação, e por outro possibilitar que a superfície que se encontrava em contacto com o solo pudesse ser devidamente estudada. Ao proceder-se a esta remoção verificou-se que a marcação da glande mantinha-se contínua, confirmando-se, ao mesmo tempo que a superfície até agora oculta apresentava um alisamento que o restante perímetro, em contacto com os elementos já havia perdido.

A escavação iniciou-se com a limpeza geral do terreno. De imediato começámos a registar blocos de granito, grauvaque alguns de xisto, unicamente no quadrante poente do monólito. Estes blocos que no nível superficial se encontravam pouco compactados, à medida que se iam baixando as decapagens, verificávamos que, por um lado, diminuía de volume, e por outro lado apresentavam-se muito compactados com argila. Na união destas pedras foi utilizada argila clara e muito plástica, possibilitando, assim, a estabilidade do monólito. Junto à superfície, por entre blocos de grauvaque e ainda muito





soltos registámos um fragmento de rebordo de *tégula*. Em torno do menhir apenas encontrámos calços de sustentação no quadrante poente, na zona da abertura em rampa do alvéolo. No restante perímetro atingimos, de imediato a rocha de base. Esta, ainda que com alguma irregularidade foi detetada a uma profundidade média de vinte centímetros. Nalguns locais eram visíveis na rocha de base os sinais da lavoura. A potência de solo era, portanto, praticamente nula em torno do menhir. Concluída a decapagem prevista procedemos ao desenho e cotagem dos blocos que calçavam o estreito alvéolo onde se implantava o menhir, seguindo-se a desmontagem desta estrutura de apoio. A desmontagem dos calços inclusos no alvéolo, que apenas se abria, em rampa, na rocha de base de poente para nascente tornava-se necessário para podermos repor na vertical a porção ainda *in situ*. Para se proceder à colagem dos dois fragmentos foi necessário avaliar a estabilidade da base e recolocar na vertical o fragmento mais pequeno. Assim, retiraram-se todas as pedras do alvéolo até se atingir a base do menhir. Verificou-se que a fossa de implantação não ultrapassava os 55 centímetros de profundidade, em relação ao nível de superfície, vinte dos quais em terra pouco compactada. Por entre os calços e a argila, mesmo junto à base do monumento que consolidavam o alvéolo arrampado, por onde tinha deslizado o menhir aquando do seu levantamento, recolhemos alguns carvões de dimensões muito reduzidas que foram submetidos a datação por radiocarbono.

31



Recuperação do menhir da Meada

Constatando-se que para se manter a altura original do monólito a potência de solo acima do alvéolo aberto na rocha era insuficiente para a sua estabilização tivemos de optar por uma alternativa que mantivesse a monumentalidade do menhir. Assim, procedeu-se ao alargamento do alvéolo e à colocação na vertical do fragmento *in situ*. A fossa de implantação foi alargada em cerca de cinquenta centímetros em torno do menhir, construindo-se com cimento, pedra e areia uma sapata suficientemente sólida. Esta estrutura de consolidação atingiu uma altura de 130 centímetros desde a base do monólito. Em forma de calote de esfera possui um diâmetro de cerca de 3,20 metros, envolvendo completamente o menhir. Para evitar o contacto direto do cimento com o monumento, este foi envolvido com finas placas de esferovite.

32

Após duas semanas para a secagem para consolidação da sapata de cimento retomaram-se os trabalhos com a abertura de três furos transversais na porção *in situ* do menhir onde se introduziram três barras de aço envolvidas em resina e pó de granito, para consolidação da linha de fratura anteriormente descrita. Todas as fissuras foram unidas com resina e pó de pedra. Consolidada a fratura procedeu-se à preparação das superfícies de contacto. O elevado grau de deterioração da rocha obrigou à extração de uma lâmina de pedra de cerca de dez centímetros de espessura média em ambas as superfícies. Estabilizadas as superfícies de contacto das duas porções e devidamente niveladas abriu-se em cada uma um furo centrado onde seria introduzido um *pivot* de aço carbónio, com 4,5 centímetros de diâmetro e 120 centímetros de comprimento (60cm em cada fragmento). Ao segmento de menhir que se encontrava tombado colou-se de imediato e com os produtos anteriormente descritos este *pivot* central. No fragmento *in situ* procedeu-se à abertura de um furo com cerca do dobro do diâmetro da barra de aço. Esta diferença de diâmetro





destinou-se a facilitar a centragem, no contacto das duas metades, no momento da união. A abertura de todas estas furações foi efetuada com martelo pneumático do município.

Cerca de quinze centímetros abaixo do relevo identificador da glande abriram-se quatro furos destinados a receber as garras de amarração para elevação e suspensão do bloco de granito tombado no momento da sua colagem.

A união dos dois fragmentos que começou a ser preparada desde o dia 14 de Junho de 1993 efetuou-se, unicamente, na manhã do dia 25 de Setembro, data em que foi disponibilizada, gratuitamente, pela empresa *Granitos Maceira*, uma máquina com envergadura e potência suficiente para erguer a mais de seis metros de altura as mais de onze toneladas que pesa o fragmento tombado.



Após uma tentativa falhada, por insuficiência de elevação da pá da máquina, que nos obrigou, a com a outra máquina de apoio criar uma rampa de terra junto ao fragmento *in situ* e à abertura duma vala junto à porção tombada de modo que o pivot não assentasse no solo, aquando da sua suspensão. Foi, assim, possível reunir os dois fragmentos há muito separados. Novamente, resina, secante, pó de pedra e pequenos blocos de granito estabilizaram na vertical e colaram as duas partes em que se encontrava partido o menhir da Meada.

Cinco grampos de aço embutidas na face exterior reforçaram a união. Algum cimento, cola de pedra e pequenos blocos de granito possibilitaram o enchimento necessário para a recomposição aproximada do perfil original deste grande menhir. Lentamente, à medida que se conseguiam verbas para aquisição de mais resina e secante, os técnicos da Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide, instruídos pelos sábios ensinamentos do Mestre Grachinha foram preenchendo as falhas existentes na junção das duas partes já, entretanto, unidas. Face à dificuldade em obtermos verbas para a aquisição de mais resina e secante e faltando ainda corrigir as faltas de granito na porção que esteve tombada, devido à erosão, tivemos de dar por terminada a recuperação do Menhir da Meada, em meados de dezembro de 1993. Pouco tempo depois, os cerca de dois hectares de terreno da parcela onde o menhir se situa foi, por nossa sugestão, adquirida ao seu proprietário, pelo Parque Natural da Serra de S. Mamede e entregue a sua gestão à autarquia de Castelo de Vide. Entretanto, o PNSSM, à data dirigido pelo Dr. Rui Correia, solicitou ao Arquiteto Paisagista, Doutor Nuno Lecoque, um projeto de ordenamento da envolvente e criação das acessibilidade e estacionamento junto ao monumento, que foi oficialmente inaugurado pelo Sr. Presidente da República, Dr. Jorge Sampaio. Por essa altura requeri a classificação do Menhir da Meada como Monumento Nacional o que só veio a ocorrer quase 20 anos depois, pelo Decreto nº16 de 2013. Poucos anos após a sua classificação, devido a avançada idade, o proprietário da empresa, com sede em Évora, que nos fornecia a resina e o secante com que se reabilitou o menhir, encerrou a atividade e contactou-me para me oferecer várias latas de resina e secan-



36





te que não tinham sido vendidas, sabendo que não tínhamos concluído, por falta de verbas, a total recuperação do monumento. Face a esta inesperada disponibilidade de recursos solicitei autorização à Direção Geral do Património Cultural para terminar os trabalhos de recuperação do monumento. Não me foi concedida a necessária autorização invocando o relator, que tratando-se dum monumento classificado, qualquer intervenção só poderia ser promovida por técnicos especializados. Agradei a oferta da resina ao proprietário da Casa Coelho, mas não a aceitei porque só tive competência para assumir a direção dos trabalhos de escavação, e re-ereção do menhir enquanto não solicitei a sua classificação como Monumento Nacional. Após a sua classificação perdi as capacidades, segundo os técnicos da entidade da tutela, para poder colmatar as falhas existentes e preencher as pequenas fissuras que com o tempo se abriram na resina exposta aos elementos. Assim, passados vários anos sobre o meu atestado de incompetência para tratar do menhir após a sua classificação, as fissuras aumentaram e a reposição da forma original do monumento nunca aconteceu. Esperemos, então, que a entidade da tutela envie os tais especialistas para, em tempo útil, colmatarem as fissuras e reporem a forma que os pré-históricos há mais de sete mil anos quiseram dar ao maior menhir da Península Ibérica e o mais antigo do Mundo.

37



A verdade é que 30 anos passaram sobre a recuperação do Menhir da Meada e ele matém-se em pé e não apresenta significativos sinais de degradação.








História do monumento

Pela data de radiocarbono obtida a partir da amostra de carvão recolhido na argila junto à base do monumento, gentilmente paga pelo Departamento de Arqueologia da Universidade de Colónia, na Alemanha, que sabendo que fomos preteridos nas bolsas de datações, por AMS que o IPPAR abriu em 1993/1995 e que não conseguíamos obter os fundos necessários, à data cerca de 300 000\$00 (1500€), para a submetermos a laboratório comercial, se disponibilizou, face à importância desta descoberta, para suportar os respetivos custos, e que muito agradecemos. Assim, nos inícios do sexto milénio antes de Cristo as comunidades da encosta da Serra de S. Mamede abrem uma fossa em rampa no solo granítico, no sentido poente nascente, calculada milimetricamente para nela ser introduzido o grande bloco de granito de grão grosseiro, previamente talhado e regularizado, onde fizeram destacar, através de uma saliência uma glande, reforçando a simbologia fálica que a restante forma já deixava adivinhar.

O menhir é introduzido no alvéolo pelo lado poente, colocado na vertical e posteriormente calçado com recurso a blocos de granito, grauvaque e xisto unidos por argila compactada. O alvéolo escavado no granito e por nós detetado com uma profundidade máxima de 35 centímetros impossibilitava,



por si só, a estabilidade do grande bloco de granito com uma altura original de 7,52 metros e um peso que ultrapassa as 16 toneladas. Provavelmente a potência de solo neste local, no sexto milénio antes de Cristo, era, seguramente, superior à atual. Nesse solo teria existido, junto ao menhir, para reforçar os calços do alvéolo, um anel de argila cujos vestígios ainda foi possível identificar na estreita camada de terra que agora envolvia o monumento.

A técnica de implantação do Menhir da Meada encontramos-la replicada, praticamente sempre da mesma forma noutros menhires. Numa suave encosta a espreitar o nascer do sol, abriram um alvéolo arrampado no sentido poente - nascente.

40 O monólito é arrastado para essa fossa e a base encosta ao perfil vertical oposto à rampa. A partir dessa posição é erguido e a fossa de sustentação é preenchida por argila muito plástica e fortemente compactada. No menhir da Meada, os alvéolos arrampados, provavelmente devido às enormes dimensões do monólito, foram colocados vários calços líticos envolvidos por argila. A utilização de um número tão elevado de calços líticos não foi identificada nos outros menhires intervencionados na região, predominando a argila compactada.

Pelo estado de conservação da superfície do fragmento de maiores dimensões que se encontrava em contacto com o solo, muito semelhante à superfície inclusa ainda no alvéolo que contrasta nitidamente com as partes expostas aos elementos, verificamos que a fratura ocorreu em época muito recuada. A fratura parece ter resultado de um desvio de todo monólito para poente, exatamente para o local onde o alvéolo tinha sido originalmente mais alargado. Esse desequilíbrio levou à fragmentação do monólito por uma linha de fratura ainda hoje visível. Torna-se muito difícil datar a época em que ocorreu a destruição do menhir. A fraca potência de solo que identificámos na área envolvente do monumento, que raramente ultrapassa os 20 centímetros, terá resultado, por um lado, da pendente do terreno, mas sobretudo devido às práticas agrícolas. Essa prática agrícola, continuamente realizada desde tempos pré-históricos, mas reforçada a partir da romanização terá provocado a quase esqueletização deste solo. Recordemos que os vestígios da presença romana ocorrem, em abundância, por toda a zona. A barragem romana da Tapada Grande localiza-se e cerca de quatrocentos metros a poente do menhir, junto ao Monte da Meada os vestígios romanos também abundam e a presença de um fragmento de tégula no nível superior dos calços do menhir sugerem-nos que, provavelmente, a fratura e queda

deste monumento deverá ter ocorrido logo quando se começou a praticar uma agricultura intensiva nesta região, o que deverá ter ocorrido sobretudo a partir do domínio romano.

Outras hipóteses podem ser colocadas, atendendo, sobretudo à grande semelhança existente entre as pátinas das partes protegidas. Esta grande semelhança poderá fazer recuar ainda mais a data da fratura do menhir. Esta hipótese poderá ser reforçada, quer pela diferença em relação às superfícies sujeitas à erosão, quer pela possibilidade de nunca terem existido mais calços líticos do que os por nós detetados. Se não foi construída qualquer estrutura de reforço em torno do monólito, qualquer pequeno abalo sísmico poderá ter provocado, em época ainda mais recuada a queda do monumento. Não será também de excluir, ainda que pouco provável, que a fratura do monumento tivesse intencional origem antrópica. Recordemos que a recorrente incorporação de menhires em estruturas dolménicas parece provar que os rituais que levaram à ereção destes menhires tiveram uma duração relativamente curta comparativamente, por exemplo, com a prolongada funcionalidade dos dólmenes. Iguamente convém recordar a presença de covinhas, assumidamente pré-históricas, em distintos menhires tombados, exclusivamente nas superfícies expostas, o que confirma a grande antiguidade em que deixaram de estar na posição vertical, provavelmente intencionalmente tombados a partir de meados do Neolítico.

41

O menhir da Meada, tal como todos os outros dois monólitos fálicos que intervencionámos nesta região, Água da Cuba (Marvão) e Patalou (Nisa) apresentavam, nas zonas não expostas aos elementos superfícies muito regularizadas, quase polidas. No da Meada, para além do relevo elíptico que demarca a glande são perceptíveis algumas linhas serpentiformes gravadas que descem ao longo do monumento só visíveis com luz rasante. Neste, ao contrário do menhir do Patalou, não se reconheceram covinhas. Iguamente no pequeno menhir da Água da Cuba, a superfície enterrada apresenta um tratamento muito cuidado, quase polido. Neste, para além duma morfologia genericamente fálica, denota-se o esboço do meato da uretra.

Na face virada a sul quase junto ao topo, é possível vislumbrar, com luz rasante, uma figura antropomórfica portando um bastão, ou lança numa das mãos. O outro monólito que intervencionámos nesta região, o do Carvalhal, igualmente no concelho de Castelo de Vide, que nada tem de fálico e que se tratará dum menhir-estela, em forma de mitra, não apresenta qualquer tratamento regularizador das superfícies, mesmo na porção mais inclusa no



alvéolo. A sua superfície é perfeitamente idêntica aos dos esteios dos dólmenes. Se bem observarmos as superfícies melhor conservadas dos menhires fálcos acima descritos poderemos reconhecer traços de abrasão com instrumento pétreo que nalguns locais aparentam ter sido obtidos por fricção circular, enquanto noutros partes se reconhecem movimentos longitudinais. Do que não resta qualquer tipo de dúvida é que estes singulares monumentos depois de extraídos da rocha mãe foram cuidadosamente desbastados para lhes atribuir uma forma fálca e as suas superfícies cuidadosamente regularizadas, se não mesmo polidas. Resta saber se nalgum momento receberam qualquer tipo de pintura ou outra decoração. Até ao momento não foi possível reconhecer qualquer pigmentação nas superfícies. Essa ausência poderá derivar do natural desgaste do granito, ou da eventual utilização de pigmentos de origem orgânica que tivessem sido utilizados na sua decoração e, por essa razão, não subsistiram ao passar dos milénios.

42

As datações

Se monumentos enigmáticos existem, os menhires serão, seguramente, um deles. Em torno destes testemunhos colocam-se variadíssimas questões desde a sua funcionalidade e simbologia, quer quando isolados, quer quando em grupo, ou à sua relação com o espaço, ou com os astros. A sua reutilização funcional, ou meramente decorativa, tem contribuído ainda mais para levantar e aprofundar estas e outras questões. Praticamente desde as primeiras referências científicas a estes monumentos que se procedeu à sua colagem crono-cultural ao megalitismo funerário, especialmente o dolménico, estabelecendo-se uma estreita relação de continuidade funcional, mas sobretudo simbólica. Mas, se logo desde os inícios dos estudos sobre megalitismo funerário se ensaiaram várias esquematizações evolutivas para as sepulturas, independentemente da existência de datas absolutas, no que aos menhires diz respeito apenas se ensaiaram algumas possibilidades de posicionar culturalmente, em universos separados, os que se encontram em grupo dos que se encontram isolados. Naturalmente que várias razões se podem identificar para justificar a ausência de reflexões mais profundas sobre esta matéria, comparativamente, por exemplo, ao megalitismo funerário. Das prin-



Menhir do Patalou





cipais convém destacar o número muito reduzido de menhires em relação aos sepulcros e, por consequência, um muito menor conjunto de trabalhos realizados, ou investigadores que sobre eles se tivessem debruçado. Veja-se, a título de exemplo, como o Casal Leisner, que praticamente escrutinou todo o megalitismo funerário peninsular e que estranhamente quase ignorou a presença de menhires. Por outro lado, poderemos também relacionar algum desinteresse por estes monumentos, ou por estarem maioritariamente tombados, ou por, teoricamente, nenhum espólio a eles estar associado. Praticamente só a partir dos finais da década de setenta do século XX é que se iniciaram trabalhos de escavação, cientificamente e diretamente dirigidos a menhires. Infelizmente, ou porque os alvéolos estavam muito remexidos, ou porque, na verdade, nenhuma matéria orgânica se tivesse preservado, foi necessário efetuarmos a escavação e reabilitação do menhir da Meada (Castelo de Vide), em 1993, para conseguirmos obter uma datação absoluta. Tratava-se duma amostra de carvão recolhida no fundo do alvéolo, encostado ao monumento, em zona perfeitamente conservada, sob os blocos que calçavam o monólito e envolta em argila. Essa amostra submetida a datação por radio carbono forneceu a seguinte data: Utc-4452: 6022 + 40 BP, que calibrada a 2 sigmas resultou em 4810 a 5010 cal BC. Quando em 1996, no decurso do 1º Colóquio Internacional sobre Megalitismo, realizado em Monsaraz, divulgámos publicamente esta data a incredibilidade e a estupefação foi geral entre os investigadores presentes. Em fase de discussão alguns desses colegas aí presentes ainda tentaram, por diversas formas, colocar em causa a credibilidade da amostra. Contudo, a partir desse momento, a contemporaneidade dos menhires e das antas começou claramente a ser questionada, sobretudo em relação aos monumentos funerários mais complexos, ainda que já anteriormente e apenas por via de análises estratigráficas se reconhecesse alguma anterioridade dos menhires em relação aos dólmenes. Aqui devemos destacar o singular monumento da Granja de S. Pedro, em Idanha-a-Nova. Em boa verdade os investigadores que o estudaram afirmaram perentoriamente que os menhires já aí se encontravam quando o sepulcro foi construído (Almeida e Ferreira, 1971). Outros estudos, entretanto, promovidos, vieram reforçar o mais que provável posicionamento dos menhires no Neolítico mais antigo. Toda a polémica que se gerou em torno dos menhires do Padrão, a propósito da sua ligação cultural aos carvões da camada C2, que foi possível datar de meados dos 6º milénio (5480-5242 cal AC; 5580-5350 cal AC) (Gomes, 1997:176), ou os materiais atribuídos ao Neolítico antigo identificados junto aos menhires da Caramujeira (Gomes, 1997: 175), ainda que muito contestados e objeto de várias revisões e interpretações, somados às informações decorrentes dos trabalhos efetuados nos recintos megalíti-






cos de Almendres e Portela de Mogos, junto dos quais se registaram ocupações atribuíveis, igualmente, ao Neolítico antigo, vinham, gradualmente, a reforçar a perceção da grande antiguidade destes monumentos. Se a data do menhir da Meada foi então considerada duvidosa por ser muito mais antiga em relação ao espectável, todas as outras entretanto obtidas, maior controvérsia ainda gerou porque apenas, de uma forma indireta, se podiam ligar aos menhires. No decurso da recente escavação e recuperação do menhir do Patalou, no contíguo concelho de Nisa, foi possível recolher e datar uma amostra de madeira carbonizada obtida no interior do alvéolo que forneceu a seguinte data: Beta-416341: 5420 + 30BP, que calibrada resulta em Cal BC 4340 a 4235 (Cal BP 6290 a 6185). Com esta data agora obtida valida-se a que já anteriormente possuíamos para o menhir da Meada (Utc-4452: 6022 + 40 BP, que calibrada a 2 sigmas resultou em 4810 a 5010 cal BC), cuja amostra de carvão foi recolhida em situação e contexto idêntico. Confirma-se, assim, o posicionamento cultural dos menhires no seio do Neolítico antigo e reafirma-se a sua grande anterioridade em relação, pelo menos, à fase plena do megalitismo dolménico. O curto afastamento cronológico do menhir da Meada, cerca 550 anos mais antigo do que o do Patalou, poderá explicar a diferença volumétrica entre dois monólitos que se distanciam entre si pouco mais de 12Kms? O menhir da Meada com 7,52 metros de altura e quase 16 toneladas de peso assume-se como o maior da Península Ibérica e consubstanciará, naturalmente, um momento de apogeu dos rituais subjacentes a estas manifestações. Em período de tempos longos, cerca de 550 anos depois, a curtíssima distância, em contexto ambiental idêntico, ergue-se outro menhir, apenas com 4 metros de altura e a rondar as 7 toneladas. Poderá esta acentuada diferença volumétrica e que, conseqüentemente implica metade do investimento energético necessário à sua ereção, revelar já algum declínio destas práticas rituais, cerca de meio milénio depois do seu apogeu? Se o estudo do Menhir do Patalou veio validar a data anteriormente obtida para o Menhir da Meada muitas mais questões continuam por esclarecer, que em torno destes enigmáticos monumentos se continuam a colocar.

45

Resumindo

O Menhir da Meada foi erguido pelas primeiras comunidades neolíticas que nesta região viviam, no 6º milénio antes de Cristo. A sua expressiva forma fálca e a denotada glande, delimitada pelo prepúcio, marcado com um relevo que rodeia a extremidade superior deste monumento conferem-lhe, claramente, atributos de fertilidade. Estes singulares monumentos parecem resultar de práticas rituais que se prendem com uma tentativa, desesperada,





de repor nos solos agrícolas a fertilidade que foram perdendo com a sua exploração continuada por comunidades que ainda desconheciam a prática do pousio. Pelas datações de radiocarbono e pelas estratigrafias arqueológicas sabe-se hoje que estes monumentos são substancialmente anteriores à utilização dos grandes dólmenes. A presença de menhires reutilizados como simples monólitos, inteiros, ou intencionalmente fragmentados, na arquitetura das sepulturas megalíticas confirmam o que as datações absolutas já revelam. Parece, assim, que a “moda” de erguer estes grandes menhires não terá prevalecido por muito tempo.

46 O Menhir da Meada é hoje considerado o maior da Península Ibérica (7,52m) e o mais antigo monumento megalítico do mundo. A amostra de carvão recolhida na base do seu alvéolo, submetida a datação por radiocarbono forneceu a data, em anos calendário, de 5010 a 4810 cal BC. Se esta data, obtida em 1993, no decurso dos trabalhos de recuperação do menhir, foi considerada suspeita por uma parte da comunidade científica que considerava os menhires contemporâneos dos grandes dólmenes (3º milénio a.C.) foi, contudo, confirmada em 2016, com a datação do Menhir do Patalou (4340 – 4810 cal BC), situado a curta distância, em circunstâncias idênticas, que forneceu uma data quase tão antiga quanto o da Meada.

O Menhir da Meada, como particamente todos os menhires fálicos, foi erguido numa suave encosta que espreita o nascer do Sol. Na superfície menos erodida, porque esteve milhares de anos em contacto com o solo após a sua fratura, conseguem-se vislumbrar, com luz rasante, gravuras diversas, maioritariamente, serpentiformes.

Obtido em granito porfiroide de grão grosso da região, foi talhado, alisado, eventualmente polido, posteriormente gravado e provavelmente colorido e implantado em alvéolo aberto no substrato rochoso e calçado por blocos pétreos compactados por terra argilosa. Com a natural movimentação das terras que originalmente o envolviam inclinou para poente e uma linha de fratura natural forçou a sua quebra a cerca de 220 centímetros da base. Tombou, há milhares anos a maior porção e assim se manteve até que, em 1993, se procedeu à sua recuperação. Uma prévia escavação em torno do menhir possibilitou compreender a sua forma de implantação e obter uma amostra para datação. Devido à ausência de suficiente solo para a sua re-ereção optou-se pela construção duma sapata circular de betão que estabilizou a porção *in situ*. Posteriormente, em operação radical, nunca anteriormente experimentada, uniram-se os dois segmentos, com recurso a um forte *pivot*

central metálico e vários grampos embutidos lateralmente e unidos por resina e pó de granito. Para melhor aderência das duas partes foi necessário retirar-lhes a camada erodida perdendo, por esse motivo, o Menhir da Meada cerca de vinte centímetros da sua altura original.

A grandiosidade deste monumento surpreende-nos pelo esforço necessário para a sua extração, transporte, tratamento das superfícies e ereção por parte de comunidades que aqui viveram, há mais de 7000 anos, acreditando, provavelmente, que com o seu esforço conseguiriam repor a fertilidade dos solos dos quais já em muito dependiam.



47

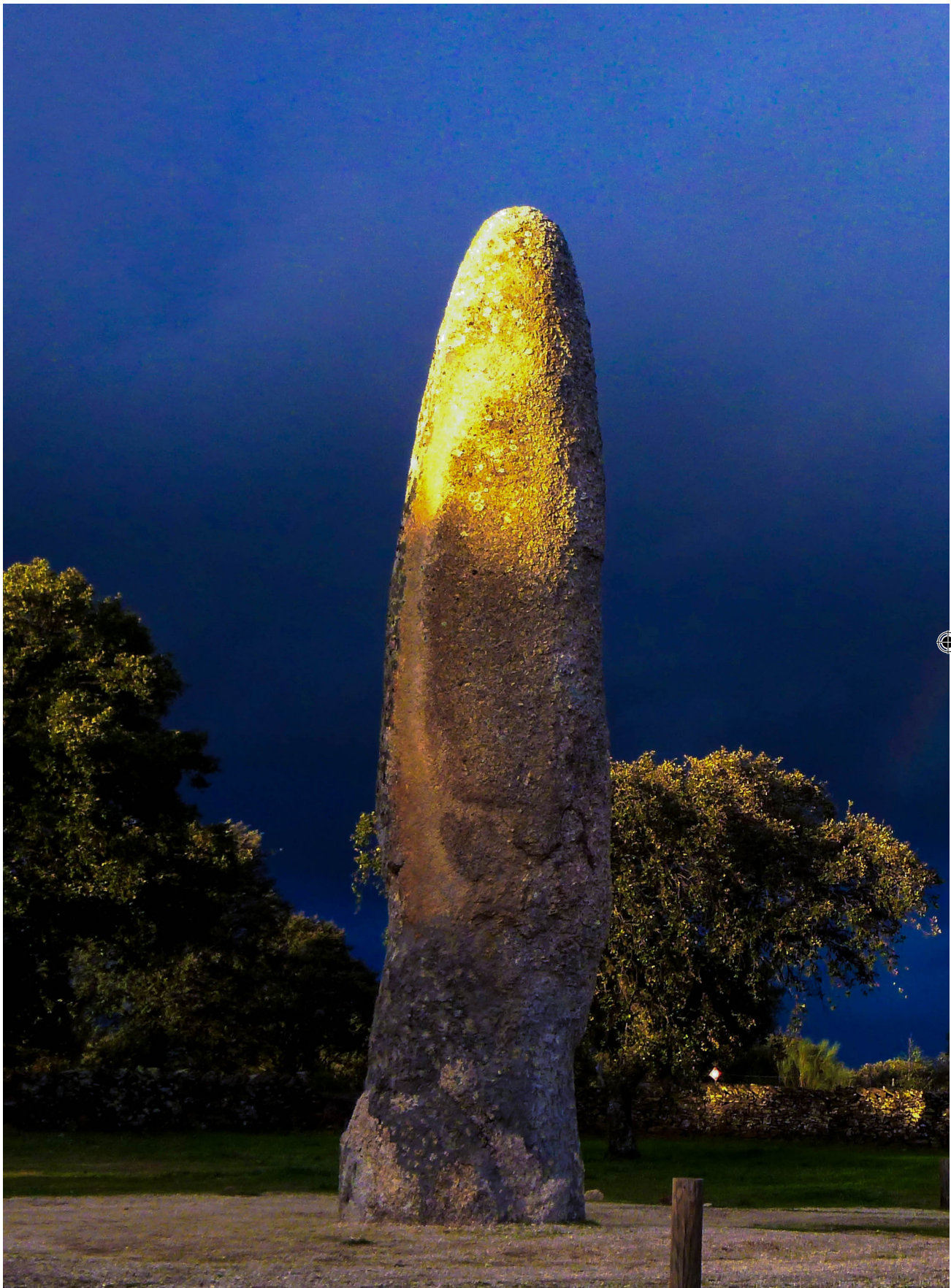
Passados 30 anos da sua recuperação, sem graves ou significativos sinais de desgaste, poderá constituir-se como um ensaio bem conseguido de unir e colocar na vertical mais de 16 toneladas de pedra, elevadas acima de 7 metros de altura. Se a ciência e a técnica de engenharia não se atreveram a recuperar este milenar monumento, o saber de longa experiência feito dum mestre canteiro, o Sr. Manuel Graxinha, conseguiu que o nosso sonho de muitos anos se tornasse realidade e hoje o menhir da Meada se assuma como um dos mais visitados e admirados monumentos do mundo, acolhendo junto a si, em especiais momentos do ciclo astral, manifestações invocadoras de antigas crenças que ainda perduram.













Bibliografia

- AGUIAR, J. Monteiro de (1940); O Menhir de Luzim (Penafiel), *Congresso do Mundo Português, Memória e comunicações apresentadas ao Congresso de Pré e Proto-História*, Vol I.
- ALMEIDA, F; FERREIRA, O. V. (1971); Um monumento pré-histórico na Granja de S. Pedro (Idanha-a-Velha), *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia, 2.º Vol., Lisboa*.
- BARATA, José Pedro Martins, (1950); *Jornal Reconquista*, nr. 291 (Ano VI), de 26 de Novembro, p. 6.
- BARATA, J. Pedro Martins (1965); O Menhir da Meada, *Ethnos*, 4, Lisboa.
- 54 — BUENO-RAMÍREZ, Primitiva (1988), Los Dolmenes de Valência de Alcantara, Excavaciones Arqueológicas en España, n.º 155. Ministerio de Cultura, Madrid.
- RODRIGUES, Maria da Conceição M. (1975), *Carta Arqueológica do Concelho de Castelo de Vide*, Lisboa.
- CALADO, M. ROCHA, L. (2006); Menhires e Neolitização: história da investigação no Algarve, *Actas do 4º Encontro de Arqueologia do Algarve*, Rev. Xelb n.º 7, Silves.
- CANINAS, J.C. Pires e HENRIQUES, F.J. (1985); Testemunhos do Neolítico e do Calcolítico no Concelho de Nisa, in *Actas das 1.as Jornadas de Arqueologia do Nordeste Alentejano*, Comissão Regional de Turismo e Câmara Municipal de Castelo de Vide, Portalegre.
- Idem (1987); Megalitismo de Vila Velha de Ródão e Nisa, in *Arqueologia no Vale do Tejo*, I.P.P.C., Lisboa.
- CARBALLO, Gonzalo Muñoz (1983); Menhires de Valencia de Alcantara, *BoleIm de la Asociación Espanola de Amigos de la Arqueologia*, nº17, Junio, Madrid.
- CARVALHO, Joaquim (2000); O Menhir do Castelo Velho, *Ibn Maruán*, n.º 9/10, C.M. de Marvão / Ed. Colibri, Lisboa.



- COSTA, F.A. Pereira da (1868); *Monumentos Prehistoricos - Descrição de alguns Dolmens ou Antas de Portugal*, Typ. da Acad. Real das Ciências.
- DIAS, Ana Carvalho e OLIVEIRA, Jorge Manuel, (1981); *Monumentos Megalíticos do Concelho de Marvão*, Assembléa Distrital de Portalegre, Portalegre.
- DIEGUEZ LUENGO, Elias (1965); *Nuevas Aportaciones a la prehistoria de Extremadura*, *Zephyrus*, XVI, Universidad de Salamanca, Salamanca.
- *idem* (1976); *Los Dolmenes de Valencia de Alcántara*, in *V Congreso de Estudios Extremeños*, Badajoz.
- GOMES, M. V. (1986); *O Cromesque da Herdade dos Cuncos*, *Almanson*, n.º 4 Montemor-o-Novo.
- GOMES, M. V. CABRITA, L. M. (1997); *Dois novos povoados neolíticos com menhires no Barlavento Algarvio*. *Actas do I Encontro de Arqueologia da Costa Sudoeste. Setúbal Arqueológica*, XI-XII, Setúbal.
- GOMES, M. V.; MONTEIRO, J.P.; SERRÃO, E. C. (1987); *A estação pré-histórica da Caramujeira – trabalhos de 1975-76*, *Actas das III Jornadas Arqueológicas*, Lisboa.
- GONÇALVES, J. Pires (1970); *Menhires de Monsaraz*, *Arqueologia e História*, 9.^a série, Vol II.
- HENRIQUES, F.J.R. e CANINAS, J.C.P. (1980); *Contribuição para a carta arqueológica dos concelhos de Vila Velha de Ródão e Nisa, N.R.I.A. Vila Velha de Ródão*.
- *Idem* (1986); *Nova contribuição para a carta arqueológica dos concelhos de Vila Velha de Ródão e Nisa, N.R.I.A. Vila Velha de Ródão*.
- LEISNER, George e Vera (1943); *Die Megalithgraber Iberischen Halbinsel: Der Süden*, Walter de Gruyter, Berlin.
- *Idem* (1956); *Die Megalithgraber Iberischen Halbinsel Der Westen (1)*, Walther de Gruyter, Berlin.





— *Idem* (1959); *Die Megalithgraber Iberischen HalbinseL Der Westen (2)*, Walther de Gruyter, Berlin.

— *Idem* (1965); *Die Megalithgraber Jberiscishen Halbinsei Der Westen (3)*, Walter de Gruyter, Berlin.

— MONTEIRO, J. Pinho, e GOMES, Mário Varela (1977); Os Menhires da Charneca do Vale do Sobral — Nisa, *Revista de Guimarães*, LXXXVII, Guimarães.

— OLIVEIRA, Jorge (1985); O Menhir da Água da Cuba — Marvão, *Actas das 1. as Jornadas de Arqueologia do Nordeste Alentejano*, Comissão Regional de Turismo e Câmara Municipal de Castelo de Vide, Portalegre.

— *Idem* (1986); *A Estela Decorada da Tapada da Moita*, Câmara Municipal de Castelo de Vide.

56

— *Idem* (1990); Aspectos do Megalitismo no Nordeste Alentejano in *Actas do 1º Encontro Regional de História*, Universidade de Évora, Évora.

— *Idem* (1993); Conservação de Monumentos Megalíticos — Aspectos de uma problemática, *Correio da Natureza*, n. 17, Serviço de Parques, Reservas e Conservação da Natureza, Lisboa.

— *Idem* (1993); O Rio Sever e as Fronteiras no 3.º Milénio A.C., *Actas do Seminário Cooperação e Desenvolvimento Transfronteiriço*, C. M. de Vila Velha de Ródão.

— *Idem* (1995); A Recuperação do Menhir da Meada — Castelo de Vide, *Ibn Maruán* n.º 5, Câmara Municipal de Marvão.

— *Idem* (1996); Inventário dos Vestígios Arqueológicos do Parque Natural da Serra de S. Mamede, *Ibn Maruán* n.º 6, Câmara Municipal de Marvão. (em colaboração com António Bairinhas e Carmen Balesteros).

— *Idem* (1998); *Monumentos Megalíticos da Bacia Hidrográfica do Rio Sever*, Ed. Colibri, Lisboa.





— Oliveira, Jorge de; Oliveira, Clara de (2000); *Menhires do Distrito de Portalegre*, Ibn Maruán, n.º 9/10, C.M. de Marvão / Ed. Colibri, Lisboa.

— OLIVEIRA, Jorge de (2006); *Património Arqueológico da Coudelaria de Alter*, Ed. Colibri / Universidade de Évora, Lisboa.

— OLIVEIRA, Jorge (2011); The Early Neolithic of the “Coudelaria de Alter” in the Context of the Megalithism of Northern Alentejo Region — Portugal, in *From the Origins: The Prehistory of the Inner Tagus Region*, BAR International Series 2219, Oxford.

— OLIVEIRA, Jorge (2011); The Early Neolithic of the “Coudelaria de Alter” in the Context of the Megalithism of Northern Alentejo Region — Portugal, in *From the Origins: The Prehistory of the Inner Tagus Region*, BAR International Series 2219, Oxford.

— OLIVEIRA, Jorge de (2016); O Menir do Patalou — Nisa — entre Contextos e cronologias, in *Terra e Água escolher sementes invocar a Deusa, estudos em homenagem a Victor S. Gonçalves*, UNIARQ, Univ. de Lisboa, Lisboa.

57

— OLIVEIRA, Jorge (2017); José P. Martins Barata, o arqueólogo, in *Obra completa de José Pedro Martins Barata*, Colibri, Lisboa.

— OLIVEIRA, Jorge de (2017); Das Fronteiras do 6.º milénio ao Tratado de Alcanices, entre o Tejo e a Serra de S. Mamede; revista CEMA, *Centro de Estudos de Arquitectura Militar de Almeida*, n.º 15, Almeida.

— RODRIGUES, M. da C. Monteiro (1975); *Carta Arqueológica do Concelho de Castelo de Vide*, Assembleia Distrital de Portalegre, Lisboa.

— SAA, Mário de (1967), *As Grandes Vias da Lusitânia — O Itinerário de Antonino Pio*, Vol. VI, Lisboa.

— VEIGA, S. F. M. Estácio da (1886); *Antiguidades Monumentais do Algarve — tempos prehistoricos*, vol. I, Lisboa.























O Menhir da Meada, nos 30 anos da sua escavação e recuperação



Escavação, recolha de carvões para datação e posicionamento da base do menhir



Mestre Graxina a preparar as colagens



Mestre Ventura Porfírio

Preparativos para a re-ereção



Momentos de tensão



A tensão aumenta...



Mestre Porfírio respira de alívio



Já não cai!



Para memória futura



Primeira fase da colagem



Bica Penhasco e Hernâni Sarnadas nos acabamentos... mas a chuva apareceu!



João Cutileiro e Margarida Lagarto
(11 de março de 2003)

Castelo de Vide, 1993 – 2023







Índice

O contexto	9
Escavação e recuperação do menhir da Meada	22
Localização	24
O menhir da Meada antes da escavação	26
Escavação do menhir da Meada	29
Recuperação do menhir da Meada	32
História do monumento	39
As datações	42
Resumindo	45
Bibliografia	54
Índice	71
Ficha técnica	72





Título: O Menhir da Meada – Castelo de Vide.

Autor: Jorge de Oliveira

Editor: Fernando Mão de Ferro

Capa e concepção gráfica: Veludo Azul Lda

Fotografias: Jorge de Oliveira com Raul Ladeira

ISBN 978-989-566-342-2

Depósito legal n.º 521 866/23

Projeto financiado por Fundos Nacionais através da Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do projeto Ref.a CHAIA/UÉ - UID/00112/2020/FCT.

Lisboa, 12 de outubro de 2023

